

# RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

ANO 3 - NUMERO 4 - JANEIRO A JUNHO 2006

[início](#)

## NOTAS SOBRE O *EU* EM FACE DO TODO COLETIVO

Cláudio Leitão  
UFSJ / UNINCOR

ABSTRACT – The following notes try to describe, even if that is superficially, the memoirist entrances from myself in the collective in general, and that is understood as well as illiterate community, the adverse world on the death imminence, poetry readers' community or modern world of the images from the movies and from the exacerbated vision incentives.

Escritores são seres que escolheram e impuseram-se um relacionamento com a comunidade humana de leitores como dever de ofício. Impulsiona-os uma necessidade de interferência. Alguns compuseram livros de formação, resultantes de motivações diversas, que permitem verificar seus protocolos de contato, na escrita, com o coletivo exterior à própria escrita de si (FOUCAULT, s/d). Observo algumas obras memorialistas.

Sartre, por exemplo, com *As palavras*. Nascido na fronteira entre duas culturas, a germânica e a francesa, católica e luterana, o menino feio chamado Jean-Paul, representado no livro de memórias, faz muito cedo a escolha de escrever em francês, com todas as implicações decorrentes. A presença física do filósofo nas ruas da Paris do final dos anos 60 seria uma das implicações. O alcance da língua de Flaubert teria impacto direto sobre a escrita sartreana. O exemplo de Joyce é similar. O relevo dado ao colégio jesuíta que frequentou traz ao leitor de *Um retrato do artista quando jovem*, afirma o catolicismo, menos como religiosidade que como diferença e identidade nacional da Irlanda republicana, independente do império protestante, sufocante e violento. Com Amós Oz, a língua hebraica moderna passa do peso ancestral à leveza de pássaro, na efabulação sofisticada do livro *De amor e trevas*, que se abre com o falso paradoxo segundo o qual os fatos podem esconder a verdade. Genocídio e guerra contrastam com a suavidade das cinco primeiras notas de “Pour Élise”, tema de Beethoven que serve de bordão e desfecho. Trabalho de luto e reconciliação com a memória materna são extremos que se tocam no enlace da afirmação da etnia judaica com proposta de paz.

Consideremos o *eu* em quatro livros: *Poema sujo* de Gullar, *Infância*, de Graciliano Ramos, *Itinerário de Pasárgada*, de Bandeira, e *A idade do serrote*, de Murilo Mendes.

Entrevistado Ferreira Gullar sobre *Rabo de foguete* e *Poema sujo*, ele procura escapar enfaticamente de refletir sobre o que há de memorialista em

tais trabalhos, como sobre quaisquer de seus livros de poesia ou em prosa (SANTOS, 2005). Parece conceber a palavra “memória” como tributária da carga idílica e ingênua de “Meus verdes anos” e “Canção do exílio”, de Casemiro de Abreu e Gonçalves Dias. Ou consideraria distorção intimista, em tempos de exacerbação do individualismo. Ter razão porém se repele aproximações entre seu livro em prosa e as *Memórias do cárcere*, por todas as distâncias de contexto e escrita. Mas seu inventário da existência contido e desatado no *Poema sujo* considera em alta conta o lido que se encontra no vivido. Ali está o Gonçalves Dias de *Y-Juca Pirama*. Põem-se em marcha gentis guerreiros (MATOS, 1988). O Maranhão e o *eu* se encontram no exílio e no conseqüente esforço de engendrar um território (DELEUZE e GUATTARI, 1977) em versos no *Poema sujo*. O *eu* canta para a sobrevivência possível em letra impressa, diante da morte iminente na Buenos Aires ocupada pela ditadura militar.

Em *Memórias do cárcere* de Graciliano Ramos e nas suas *Cartas*, bem como no livro mais bem acabado que publicou – *Infância* – encontra-se memória e invenção autobiográfica implicados e distintos. E em todos os livros que escreveu, Graciliano Ramos expõe uma relação estrutural com o mundo coletivo: minimiza o clã familiar, apaga a nitidez dos contornos nacionais, embora a brutalidade do regime seja exposta e denunciada.

Deve-se a Rubem Braga e Fernando Sabino a existência do *Itinerário de Pasárgada* do poeta Manuel Bandeira. Ao falar das primeiras experiências da vida, desde o primeiro alumbramento, o *eu* de Bandeira expõe sua abordagem poética e de aprendizado, que é uma “atitude apaixonada de escuta” (BANDEIRA, 1957). Dela provêm os ritmos, métricas, falas do povo, a música e os silêncios sagrados a serem preenchidos pela cadência dos versos escritos de memória no papel. Diz o seu *eu* no final:

Olhemos agora para trás. Quando caí doente em 1904, fiquei certo de morrer dentro de pouco tempo: a tuberculose era ainda a “moléstia quase não perdoa”. Mas fui vivendo, morre-não-morre ( BANDEIRA , p.131).

O sentimento de “vazia inutilidade” só se dissipou quando teve consciência da ação dos versos sobre os amigos e os desconhecidos. O bom egoísmo de dar-se nos próprios versos alimentou quem esperava a morte a qualquer momento desde muito jovem. Os versos produzidos cuidavam dele e cuidam dos vivos. Bandeira teria vivido os últimos anos com a certeza da intervenção no coletivo, donde provinha o alento para a escrita ininterrupta.

Com Murilo Mendes o leitor depara-se com a constuição do olhar como intervenção, como observação privilegiada por um treinamento intensivo. Trata-se de um *eu* voyeur, que se mostra através da atitude de olhar. A visão é o treinamento para a militância de um gosto e do saber estéticas modernas sobre o clássico e que se torna clássico sob os punhais do século XX:

Lamentava que a fotografia tivesse sido inventada tão tarde. Como seria por exemplo Ruth? Raquel? Semíramis? A rainha de Sabá? Cleópatra ( MENDES , 1968, 171)?

O prazer e a sabedoria de ver, chegavam a justificar minha existência. Uma curiosidade inextinguível pelas formas me assaltava e me assaltava e me assalta sempre ( MENDES , 1968, 132)

O olho armado para a vida é a atitude final do balanço escrito da infância

que encerra *A idade do serrote*. A era do filme, a curiosidade visual, a importância do cineasta Buñuel para a intervenção surrealista na sua muriliana seriam itens arrolados (MARTINS, 2004). A lista resultaria em consequência da atitude preparatória do olhar para atuação no coletivo. O *eu* de Murilo Mendes enquadra o mundo sob uma perspectiva dualista de base cristã, ainda que a carolice seja pior que o ateísmo. A personagem Dona Culó, de *A idade do serrote*, expõe todos os chatos à execração, junto a todos os carolas e as rezadeiras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: São José, 1957.

DELUZE, G., GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Trad. José<sup>a</sup> Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, s/d.

JOYCE, James. *Um retrato do artista quando jovem*. Trad. Bernardina da Silveira Pinheiro. São Paulo: Objetiva, 2006.

MARTINS, Elaine Amélia. Murilo Mendes e as viagens. In: Scher (org.). Murilo Mendes e a viagem. In: Scher, Maria Luiza (org.). *Imaginação de uma biografia literária: os acervos de Murilo Mendes*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2004, p.33-49.

MATOS, Cláudia Neiva. *Gentis guerreiros: o Indianismo de Gonçalves Dias*. São Paulo: Moderna, 1988.

MENDES, Murilo. *A idade do serrote*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945.

SANTOS, Viviane Aparecida. Entrevista com Ferreira Gullar. *Jornal da Universidade*. São João del-Rei, 2005.

OZ, Amós. *De amor e trevas*. Trad. Milton Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. Trad. J. Guinzburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.